

Entrevista

Pedagogia / Didática

Exempli Gratia

Estudos Linguísticos

Estudos Literários

Fichas Pedagógicas

Destaques



Entrevista

A importância da modelização nos caminhos da Didática

José António Costa entrevista Christian Puren

A importância da modelização nos caminhos da Didática

José António Costa¹ entrevista Christian Puren

Um modelo constitui um objeto intermediário entre as teorias e as práticas e afirma-se, por isso, como um instrumento basilar para o ensino da língua, seja da língua materna, seja da língua estrangeira, área à qual o nosso entrevistado se tem dedicado ao longo das últimas décadas.

Entre 1968 e 1970, Christian Puren concluiu duas licenciaturas (uma em Espanhol e outra em Letras Modernas) e um mestrado (em Espanhol) na Faculdade de Letras de Dijon, o que lhe permitiu enveredar pela docência de espanhol e de francês como língua estrangeira em várias universidades, em França e em outros países, como Venezuela, Marrocos, Costa do Marfim e Estónia. Logo nesta vertente da sua carreira valorizou a ligação entre as línguas e as culturas, projetando-a num percurso de investigação em Didática das Línguas-Culturas (DLC), na esteira do trabalho pioneiro desenvolvido em França por Robert Galisson, com quem colaborou.

O Doutoramento sobre *La didactique de l'espagnol en France: évolution historique, situation actuelle et nouvelles perspectives*, que, em 1984, defendeu em Toulouse, evidencia não só essa preocupação com a DLC e com um investimento na melhoria da aprendizagem, mas também a valorização da perspetiva histórica. Daí em diante, aprofundou o tratamento destas questões em mais de 150 artigos – alguns dos quais referenciados ao longo desta entrevista para que o leitor possa encontrar o que fica além da espuma dos dias e da conversa – publicados em revistas france-

sas e estrangeiras e em obras coletivas, propondo vários modelos didáticos sobre o ensino das línguas estrangeiras, tendo em consideração diferentes correntes pedagógicas e metodologias de ensino.

A principal função de um modelo, sustenta Puren, é a de “apresentar todas as possibilidades, todas as práticas disponíveis identificadas ao longo da evolução histórica das metodologias”, o que afasta a existência de receitas prontas a aplicar acriticamente. Por um lado, não existem boas práticas em absoluto, mas enquadradas no contexto em que emergem. Por outro, quanto mais prática for uma proposta, menos é transferível para outros cenários, porquanto funciona apenas na situação pedagógico-didática em que se constituiu.

Afirmando-se como um didaticista generalista, Christian Puren continua a dedicar-se à produção e ao aperfeiçoamento de modelos de ensino das línguas estrangeiras, mesmo depois de se ter aposentado, em 2008, quando exercia funções na Université Jean Monnet (Saint-Étienne), da qual é Professor Emérito. Além de continuar ligado à investigação e ao associativismo docente, divide a sua vida entre as paisagens idílicas dos Pirenéus franceses, onde habita, e as múltiplas solicitações que recebe no sentido de participar em formações e congressos.

Foi durante o 3.º Encontro A Linguística na Formação do Professor – das teorias às práticas educativas, realizado em setembro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em que parti-

¹ Escola Superior de Educação do I. Politécnico do Porto e Centro de Linguística da Universidade do Porto.

P

cipou como conferencista convidado, que a *Palavras* conversou com Christian Puren sobre ensino de línguas estrangeiras, Didática e modelização. Encontrámos alguém entusiasta, enérgico, com sentido de humor e disponível para partilhar com os outros os seus conhecimentos neste âmbito, com contributos igualmente inestimáveis para o ensino da língua materna, pese embora as diferenças identificáveis entre as duas áreas.

A conversa iniciou-se, precisamente, com um esclarecimento importante sobre a noção de modelização.

Palavras – Trabalha nos campos de modelização e da concetualização na DLC. Por que razão ainda existe uma necessidade de teorizar num domínio, a Didática, em que os professores solicitam cada vez mais ajuda ao nível das práticas?

Christian Puren – Precisamente como afirma na sua pergunta, não se trata de teorizar, mas de "modelizar", isto é, de construir objetos epistemologicamente intermediários entre as teorias e as práticas. O exemplo mais concreto de um modelo é a *maquette* da ponte projetada por um engenheiro: não é do domínio da prática – mesmo que inclua múltiplos dados de campo: o comprimento, o tráfego previsto, a natureza do subsolo, o fluxo do rio, a forma arquitetónica, etc. –, nem da teoria – mesmo que inclua dados teóricos múltiplos, como a natureza e a resistência dos materiais. É normal que os professores solicitem ajuda ao nível das práticas (não tenho certeza de que o façam cada vez mais, embora, sem dúvida, se façam ouvir e queiram ser ouvidos cada vez mais. ...), mas devem saber que, em Didática das Línguas-Culturas, como penso que sucede sempre em pedagogia, uma lei universal significa que "quanto mais prático for, menos transferível é",

porque está mais dependente de parâmetros contextuais: a personalidade do professor, a sua formação, os seus alunos, a sua instituição, etc., etc.

Em Didática das Línguas-Culturas (...) uma lei universal significa que "quanto mais prático for, menos transferível é" (...)

P – Por que se justifica falar em línguas-culturas?

CP – Retomei a expressão de Robert Galisson. A ênfase na inseparabilidade entre linguagem e cultura que a expressão sugere parece-me ainda mais adequada com a perspetiva acional: seria possível comunicar fazendo-se compreender razoavelmente mesmo sem se conhecer a cultura do interlocutor, mas uma ação social deve obrigatoriamente ter em conta a cultura de ação correspondente na sociedade.

P – O linguista catalão Lluís Payrató afirma que "não há nada mais prático do que uma boa teoria" (Payrató, 1998: 125). Concorda com esta ideia?

CP – Eu diria, em vez disso: "não há nada mais prático do que um bom modelo". É nesse sentido que vai a minha resposta anterior sobre modelização. Sobre este assunto, encaminho os leitores interessados para o capítulo do meu curso *online* sobre Didática de Línguas-Culturas intitulado "Modèles, théories et paradigmes", disponível em www.christianpuren.com.

P – Numa tentativa de evidenciar a especificidade da Didática, vários termos são utilizados para definir a relação entre a Didática e as disciplinas conexas, tais como transposição, pedagogização, aplicação,

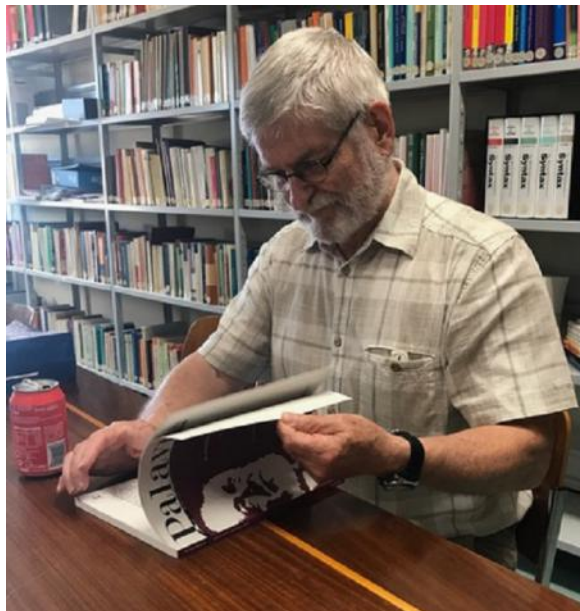
reelaboração, entre muitos outros. Como pode definir-se essa relação? Qual o termo mais adequado para descrevê-la? Qual o papel das disciplinas conexas?

CP – Em função da concepção que se tem da epistemologia da disciplina "Didática das Línguas-Culturas", em particular do tipo de relação que se concebe entre esta disciplina e as demais, utilizar-se-ia apenas um ou outro desses conceitos ... ou nenhum deles, como é o meu caso, porque considero que os modelos teóricos, para serem úteis aos didaticistas e aos professores, devem confrontar-se simultaneamente com os dados do terreno e com os modelos praxeológicos. Em todo o caso, o termo mais conveniente seria *reelaboração*, desde que fique claro tratar-se de uma reelaboração dos modelos praxeológicos durante o processo acima descrito. Explico em detalhe esta concepção da relação entre Didática das Línguas-Culturas e as teorias externas num ensaio de 80 páginas publicado no meu *site*, em 2015, intitulado *Théorie générale de la recherche en didactique des langues-cultures* (www.christianpuren.com/mes-travaux/2015a/). Foi traduzido e publicado em espanhol (www.christianpuren.com/mes-travaux/2015a-es/).

Os modelos teóricos (...) devem confrontar-se simultaneamente com os dados do terreno e com os modelos praxeológicos

P – **Como analisa a relação entre Didática e Linguística na atualidade? Está tão conturbada quanto foi no passado?**

CP – Essa relação nunca me “perturbou”, mas,



durante muito tempo, fiquei terrivelmente irritado, como outros didaticistas, com as pretensões imperialistas dos linguistas face à minha disciplina, na época em que alguns deles defendiam o *aplicacionismo linguístico*. Acredito – ou, pelo menos, espero – que esse período já tenha ficado para trás no espírito de todos. A última vez em que tive de “lutar” publicamente neste campo foi há quase 10 anos, em 2009, numa conferência dada na Universidade de São Paulo e publicada (em francês) por esta instituição: *La didactique des langues-cultures en France entre maturité disciplinaire et dépendances multiples* (www.christianpuren.com/mes-travaux/2009f/). No texto da conferência é possível encontrar, entre outros, um modelo de relação entre disciplinas conexas e Didática que é inspirado num conceito científico – a “emergência” de um som na acústica – e num conceito político – o de “subsidiariedade” na União Europeia.

P

P – Voltemos, então, à questão das práticas. Como é possível ajudar os professores a estabelecer relações entre teoria e prática quando estão a preparar a lecionar as suas aulas? Queixam-se muitas vezes de que não é fácil...

CP – Como já expliquei nesta entrevista, os professores não têm de estabelecer ligações diretas entre teoria (e penso aqui numa teoria extra-didática) e prática, tão somente porque tal não é possível. A relação teoria-prática apenas pode efetuar-se através da mediação de modelos. Quando o professor prepara as suas aulas, inspira-se em modelos praxeológicos (tal como explico no artigo já citado sobre a *Théorie générale de la recherche en didactique des langues-cultures*). O capítulo do meu curso já referido (“Modèles, théories et paradigmes”) apresenta vários exemplos de modelos elaborados no âmbito da DLC.

P – Considerando os projetos em que já participou e aqueles que coordenou, tem exemplos de boas práticas que possa apresentar?

CP – Não acredito de todo em *boas práticas*, que, para mim, resultam de uma ideologia, mesmo sendo uma orientação dominante atualmente no Conselho da Europa, nas instâncias da União Europeia e... no Ministério da Educação francês (com várias tendências políticas aqui misturadas). Já expliquei esse meu ponto de vista em vários contextos, por exemplo no meu artigo *Quelques conclusions personnelles sur les Conclusions du Conseil sur l'indicateur européen des compétences linguistiques de 2006*, ponto 4, página 3 (www.christianpuren.com/mes-travaux/

2007a/). Mas já terá compreendido o sentido da minha crítica se se recordar do que atrás afirmei: “quanto mais concreto for, menos transferível é”.

P – Tendo sido, durante vários anos, professor de línguas, em particular de francês e de espanhol, teve ocasião de testemunhar a aplicabilidade, o sucesso ou eventuais limitações dos modelos que propõe?

CP – Os meus modelos não se destinam a ser “aplicados” para gerar esta ou aquela prática, apenas porque a sua função principal é a de apresentar todas as possibilidades, todas as práticas disponíveis identificadas ao longo da evolução histórica das metodologias, nos manuais e nas propostas dos metodólogos e dos didaticistas. Uma vez que não existem *boas práticas* em abstrato, trata-se de apresentar todas as opções, com as suas lógicas próprias, as suas regras condicionais, as suas vantagens e as suas desvantagens, competindo apenas e só ao professor, na sua sala e perante os seus alunos, enquanto profissional autónomo e responsável, escolher aquela prática ou aquela articulação ou combinação entre uma prática e outra. O meu modelo das “oposições metodológicas fundamentais” (www.christianpuren.com/bibliothèque-de-travail/008/) ou o dos “modelos cognitivos de ensino e aprendizagem” (www.christianpuren.com/bibliothèque-de-travail/016/) constituem, penso eu, bons exemplos do que acabo de afirmar, porque dirão imediatamente muito aos leitores.



Uma vez que não existem boas práticas em abstrato, trata-se de apresentar todas as opções (...) competindo apenas e só ao professor (...) escolher aquela prática ou aquela articulação ou combinação entre uma prática e outra.

P – Muitos dos leitores da revista *Palavras* trabalham na área do ensino da língua materna e daí surge a seguinte questão. Admite como possível a utilização dos seus modelos no ensino da língua materna? Em caso de resposta afirmativa, o que seria necessário mudar ou adaptar? No 3.º Encontro sobre a Linguística na formação de professores (durante o qual se realizou esta entrevista), Anna Camps considerou que essa aplicação traria certos problemas...

CP – Na verdade, não tive tempo para lhe explicar que, como não se trata aqui de uma “utilização”, a questão, para mim, não faz sentido. Cabe aos professores, aos didaticistas, aos metodólogos e aos autores de manuais de língua materna ver o que, nos meus modelos, pode ser-lhes útil, e o que seria eventualmente necessário modificar. Se não lhes servirem de nada, também não há problema, nem para eles, nem para mim. Um modelo não é uma teoria: ao contrário de uma teoria, um modelo pode ser modificado à vontade ou até abandonado. A propósito da oposição entre modelo e teoria, os meus leitores poderão consultar os seguintes documentos: “Modélisation et modèles. Bernard WALLISER 1977”, www.christianpuren.com/bibliothèque-de-travail/014/; “Théories externes versus modélisations internes. Selon Edgar MORIN et Richard RORTY”, www.christianpuren.com/bibliothèque-de-travail/015/. Estes documentos são eles próprios modelos...

Pedagogia rima com Utopia

Pedimos a Christian Puren que construísse, a partir das letras do seu nome, um acróstico que evidenciasse, nas palavras escolhidas, alguns conceitos-chave na área da Didática. O autor francês selecionou uma área de relevância inequívoca nos terrenos do ensino (*Pedagogia*) e dois termos que correspondem a operações fundamentais no âmbito da investigação (*Reflexão e Experimentação*; cf. <https://www.christianpuren.com/cours-méthodologie-de-la-recherche-en-dlc/chapitre-5-mettre-en-oeuvre-ses-méthodes-de-recherche/>). As restantes palavras selecionadas poderão corresponder a atitudes essenciais quer no domínio da investigação, quer em contexto de ensino: a procura da *Novidade* como fator decisivo para a evolução e a *Utopia* como pedra de toque para a procura permanente da superação.

Pedagogia
Utopia
Reflexão
Experimentação
Novidade

Nem isto e também aquilo

“É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares!”, afirma Cecília Meireles no poema *Ou isto ou aquilo*, que serviu de mote a mais um dos desafios que lançamos a Christian Puren. E com ele percebemos que não só é possível estar em dois sítios em simultâneo, como não estar em nenhum dos dois.

Perante o par *Didática/Didatologia*, tendo sido o último dos termos fixado por Robert Galisson para dar conta de uma importante dimensão epistemológica da Didática, Puren opta por... não optar: “Eu reclamo-me da ‘Didática das Línguas-Culturas’ (porque é a designação consagrada da disciplina), mas a minha conceção desta disciplina é que ela é composta por três perspetivas que devem interligar-se: a perspetiva metodológica, a perspetiva didática (no sentido restrito do termo: perspetiva meta-metodológica surgida no início dos anos 70) e a perspetiva didatológica (que é uma perspetiva meta-didática). Veja-se, a propósito, o meu artigo intitulado *Quelques remarques sur l'évolution des conceptions formatives en français langue étrangère de 1925 à 1975* (www.christianpuren.com/mes-travaux/2009f/), no qual mostro como a disciplina ‘Didática das línguas-culturas’ (DLC) se constituiu historicamente entre os anos 60 e 80 do século passado, pelo menos no âmbito do ensino do francês como língua estrangeira, através de uma passagem da perspetiva metodológica inicial a duas perspetivas *meta* sucessivas, meta-metodológica (*i.e.* didática) e, depois, meta-didática (*i.e.* didatológica)”.

Quando a questão se coloca no sentido de situar a DLC face a áreas particulares de investigação às quais costuma ser associada, Puren opta por não a subordinar nem às Ciências da Educação, nem às Ciências da Linguagem, sublinhando tratar-se de um terreno autónomo de investigação e de atuação, que, na interação com diferentes disciplinas correlatas, constitui a sua autonomia e a sua identidade.

Puren como Le Pen

Segundo pode ler-se no site *Geneanet* (<https://www.geneanet.org/nom-de-famille/PUREN>), existem mais de 12 mil famílias **Puren** em França, na sua esmagadora maioria presentes na região da Bretanha, de onde o nome é originário. As raízes bretãs justificam, igualmente, a forma como se diz o nome [pyRen], pelo que a sequência grafemática <-en> não corresponde a uma vogal nasal como a que figura nas palavras *inconscient* ([ã]) ou *examen* ([ĕ]). O nome Puren rima com outros nomes bretões bem conhecidos, como, por exemplo, *Le Pen*. Uma evocação feita pelo próprio Christian durante a entrevista, sem que daí ressalte qualquer outra afinidade além da semelhança fonológica.



Visite a Loja Virtual da APP

À VENDA:

- » Publicações APP
- » Publicações APP-Colibri
- » Publicações de grupos editoriais com os quais a APP tem acordo de vendas

Os sócios da APP usufruem de desconto especial em todas as publicações à venda.

www.app.pt/loja